

## ENTREVISTA COM PROFESSORAS(ES) DE FILOSOFIA DO ENSINO MÉDIO DO CEARÁ

Com o objetivo de cartografar uma parte das múltiplas formas de trabalho com a Filosofia no estado do Ceará em nossa atualidade, a revista *Dialectus* organizou, através dos editores desta edição, Antônio Alex Pereira de Sousa e Paulo Willame Araújo de Lima, um conjunto de entrevistas com múltiplos(as) professores(as) e profissionais que têm a Filosofia como meio de trabalho. Sabemos que as pessoas convidadas e entrevistadas não contemplam toda a diversidade de experiências que se dão na “Terra da Luz”, mas elas podem proporcionar uma pequena compreensão de como está sendo trabalhada a Filosofia no estado do Ceará. Neste bloco estão presentes as falas de docentes do Ensino Médio, nível de formação que tem passado por grandes desafios, como o processo de implementação do novo Ensino Médio. Desejamos uma boa leitura e que os ditos e escritos aqui presentes possam fomentar reflexões e criações em torno do ensino de Filosofia no Ceará e no Brasil. Abaixo, seguem os nomes das(os) professoras(es) entrevistadas(os)<sup>1</sup>:

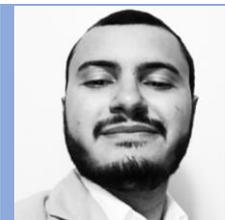


*Dayane Evellin de Sousa Costa*

Professora de Filosofia na rede Estadual do Ceará.

**Mais informações**

<http://lattes.cnpq.br/1218489183693775>



*Emilson Silva Lopes*

Professora de Filosofia na rede Estadual do Ceará.

**Mais informações**

<http://lattes.cnpq.br/5344317999677394>

---

<sup>1</sup> Ao final das entrevistas o leitor pode conferir o currículo completo de cada entrevistado.

**ENTREVISTA**

*Poderia iniciar falando um pouco sobre sua trajetória no Ensino Médio e qual a sua compreensão sobre a BNCC e a Lei do Novo Ensino Médio? Quais contribuições e prejuízos essas normativas trouxeram para o ensino de Filosofia na educação básica, especialmente no ensino médio?*

**Dayane:** É comum, nas escolas particulares de Fortaleza, contratarem estudantes de licenciatura para integrar seus quadros, portanto, minha trajetória no Ensino Médio começa na iniciativa privada. Por sorte, sempre lecionei Filosofia, mesmo que também acabasse incluindo outras disciplinas como História ou Sociologia. Para quem ainda é estudante da graduação e está no sistema privado, submetida ao regime de horas/aula acaba sendo aquele complemento que garante sua subsistência. Considerando que meu início na docência se deu há dezoito anos, a ideia da “nova” BNCC que pretende deixar à critério de cada rede ou escola sua forma de organização, no que diz respeito, inclusive à formação dos profissionais, já é estratégia antiga utilizada pelo capital privado.

A realidade de parte das professoras e professores de Filosofia, tanto na iniciativa privada, como na pública, é permeada por várias escolas concomitantes, fato que se deve a carga horária da disciplina que, pelo menos no estado do Ceará, é de uma hora/aula por semana. Isso nos leva a uma realidade de muito trabalho burocrático e menos tempo para um planejamento reflexivo. À medida em que fui progredindo no curso e após minha formatura, já com carreira construída e firmada na iniciativa privada, tomei a decisão de ir para a iniciativa pública. Ingressei como temporária na rede estadual. Significava perda substancial de ganhos, no entanto, era ano de concurso (2013), o qual ingressei enquanto professora efetiva. A partir de 2014, minha experiência se deu na modalidade de escola profissional, uma das oferecidas pelo estado do Ceará.

Essa modalidade é composta por ensino médio e técnico de forma concomitante e no horário integral e conta também com um bloco da chamada Base Diversificada, composta por Projeto de Vida, Formação da Cidadania (atrelada ao projeto Diretor de Turma<sup>2</sup>), Empreendedorismo e Mundo do Trabalho. Ou seja, você pode perceber a semelhança desse modelo de educação com o proposto pelo Novo Ensino Médio, tanto que, nas EEEP’S (Escola Estadual de Educação Profissional) do Ceará, não houveram mudanças substanciais na implantação do novo EM. Ou seja, posso pensar nessa experiência já com base em anos de implantação. Portanto, muito embora eu não tenha sofrido a temida redução de carga horária e todas as turmas continuam com aulas de Filosofia, o fato é que as disciplinas da chamada “base

<sup>2</sup> “Vigente desde 2008, o projeto propõe que o professor, independentemente de sua área de conhecimento, responsabilize-se por uma determinada turma, cabendo-lhe conhecer os estudantes individualmente, para atendê-los em suas necessidades. Além disso, são atribuições do professor diretor de turma (PDT) a mediação das relações entre a sua turma e os demais segmentos da comunidade escolar, bem como o trabalho de formação cidadã e desenvolvimento de competências socioemocionais, junto aos seus estudantes” Disponível em <https://www.seduc.ce.gov.br/projeto-professor-diretor-de-turma-ppdt/> . Acesso em 15 de Janeiro de 2023.

diversificada” dispõem de um tempo muito maior do que Filosofia, Sociologia, Língua estrangeira, por exemplo. A disciplina de Projeto de Vida chega a quatro ou cinco aulas por turmas de primeiro ano, Empreendedorismo e Mundo do Trabalho com duas no primeiro semestre. Não é preciso uma análise muito aprofundada para perceber nos materiais didáticos de tais disciplinas o descolamento da realidade da economia e das relações de trabalho no Brasil. Portanto, ao longo de todos esses anos o grande desafio foi garantir o espaço de importância da Filosofia em meio à lógica neoliberal. Uma Filosofia questionadora da realidade, em seus cinquenta minutos de aulas semanais. Evidentemente, que o conhecimento filosófico não é o único responsável, no interior da escola e na sociedade, em promover reflexões acerca do cotidiano, no entanto ele é essencial na tarefa.

**Emilson:** Sou professor graduado em Licenciatura em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará -UECE, concluí o curso em 2011 e comecei a lecionar no Ensino Médio na rede estadual no ano seguinte, em 2012, como professor de contrato temporário. A realidade da escola é bem diferente do que aprendemos na universidade, são muitas demandas para além das questões do conteúdo filosófico que pelo menos, na minha experiência, eram até então o foco da nossa formação, mesmo na licenciatura. Ingressei efetivamente como professor da rede estadual através do concurso de 2013, assumindo o cargo em meados de 2014. Desde o início, assumi diferentes funções na escola para além de professor de Filosofia, para complementar carga horária assumi também turmas de Sociologia e Ensino Religioso, pois na época ainda havia ensino fundamental na escola que lecionava, fui Professor Diretor de Turma (PDT) e mais tarde professor Coordenador de Área de Ciências Humanas (PCA), função que ainda desempenho. Em 2017 ingressei no Mestrado Profissional de Filosofia (PROF-FILO) da Universidade Federal do Ceará, defendendo minha dissertação em 2019. Recentemente com as recentes políticas do Estado do Ceará, e com a introdução dos elementos do Novo Ensino Médio, a escola onde leciono tornou-se Escola em Tempo Integral e assumi, além das demais funções citadas, o trabalho com disciplinas eletivas vinculadas à área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, sendo elas Direitos Humanos e Cidadania, Gênero e Diversidade, Memória e Cultura Afro-brasileira e Indígena e Ciências Humanas Para o ENEM.

Considero que a Nova BNCC e o Novo Ensino Médio trazem uma perspectiva que enfraquece uma educação voltada para as Humanidades e em consequência para a Filosofia, pois traz novamente a disputa sobre a obrigatoriedade da Filosofia no currículo enquanto disciplina, questão tão cara ao ensino de Filosofia no Brasil, e tenta diluir o arcabouço filosófico em unidades curriculares e projetos bastante questionáveis, vinculados a ideia de desenvolver competências e habilidades voltadas apenas para inserção no mercado de trabalho, por sua vez, vinculado ao projeto de desenvolvimento neoliberal, e deixa de priorizar o desenvolvimento do pensamento questionador e crítico, da argumentação reflexiva, a radicalidade do pensamento filosófico, e a própria criação filosófica de conceitos.

No entanto, temos tentado, na medida do possível, aproveitar as brechas e espaços em que estamos inseridos para desenvolver o trabalho filosófico a partir das condições que estão

dados. Neste sentido ao ocupar disciplinas regulares, eletivas e outros projetos que acontecem no chão da escola buscamos trazer problematizações, investigações e produção de conceitos nas aulas de filosofia, mas também sensibilizando para o pensamento filosófico ao trabalhar na educação para os direitos humanos, refletindo e tensionando sobre a própria ideia de homem, humanidade, direitos e sobre as desigualdades, no questionamento das relações de gênero e questões da sexualidade humana postas em nossa sociedade, também fazendo a crítica da própria filosofia tradicional, questionando seus pressupostos eurocêntricos e trazendo diferentes propostas e perspectivas dos pensamentos filosóficos negro e indígena, problematizando o epistemicídio presente no pensamento filosófico eurocentrado que faz parte do racismo estrutural fortemente presente na constituição das relações sociais existentes e que acaba por ser reproduzido na educação e na escola. Tenho me proposto como professor de Filosofia a fazer do seu ensino uma ferramenta de crítica, de análise, de questionamento, de criação de novas possibilidades e perspectivas que estejam à disposição dos estudantes, para que eles façam seu uso nos enfrentamentos da realidade em que estão inseridos.

*A BNCC e a Lei do Novo Ensino Médio modificam as formas como ensinamos Filosofia na educação básica. Poderia falar um pouco sobre a mudança de perspectiva na organização da área e seus efeitos, como a mudanças na organização dos livros didáticos ofertados pelo PNLD?*

337

**Dayane:** O material didático de Filosofia suscita debates intensos na área dos estudos de Ensino de Filosofia desde antes da BNCC. Segundo a Professora Lídia Maria Rodrigo (2009)<sup>3</sup>, a principal questão gira em torno de qual lugar a história da filosofia deve estar no currículo do ensino médio. Existe quem se ampare na ordem histórica da tradição e quem defenda que, para o Ensino Médio, do ponto de vista didático, seria mais interessante adotar temas filosóficos, utilizando o arcabouço filosófico enquanto alicerce para as reflexões em sala de aula<sup>4</sup>. Antes do novo material do último PNLD chegar até as nossas mãos para escolhas, era possível aprofundar o debate acima, embora os livros de Filosofia para o Ensino Médio exigirem de nós professoras e professores um complemento em nossos planejamentos, o que ocorreu com esses novos materiais é que não parece haver nada em que possamos dar um ponto de partida.

Trata-se do esvaziamento do debate, se antes estávamos estudando e encontrando modos de refletir sobre um ensino de Filosofia em uma escola massificada onde as duas tendências encontravam materiais disponíveis para serem seguidas, inclusive materiais que possibilitaram uma mescla das abordagens., o novo material representa um retrocesso onde a Filosofia aparece apenas como um complemento quase que de “curiosidade” sobre os temas ali

<sup>3</sup> RODRIGO, Lídia Maria. Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio. Campinas: Autores Associados, 2009.

<sup>4</sup> Aqui, é importante ressaltar, que nessa segunda abordagem, os temas precisam ser cuidadosamente escolhidos, levando em consideração sim a realidade dos alunos, porém com o cuidado para que não acabem se encaminhando para questões não filosóficas.

contidos. Se nos últimos anos chegavam até nós materiais que, após muito debate, traziam um capítulo ou outro sobre Filosofia Africana, indígena, questões de Gênero, bem como uma ou outra fonte diversificada do homem branco, heterossexual e europeu, o novo material nem as fontes tradicionais trazem. Ao todo, recebi de minha escola, entre materiais digitais e físicos, trinta e seis coleções da área de humanas (incluindo a de humanas aplicadas à matemática), uma semana inteira de dedicação intensiva para essa escolha, vários casos de materiais onde sequer um dos autores tinha formação em Filosofia, inúmeros sem mulheres entre autores.

Perdi as contas de quantos materiais não achei sequer uma fonte filosófica. A área de humanas da minha escola, fixou como requisito para a escolha a diversidade de autores, formações e fontes. Por fim chegamos a uma escolha, a que classificamos como “menos danosa” e, mesmo assim, nessa escolha, por exemplo, tem um capítulo inteiro sobre Alteridade sem uma única citação de qualquer filósofa ou filósofo que aborde o tema. Ou seja, 2022 foi um ano de intensa elaboração de materiais para amparar e alicerçar os estudos filosóficos.

Como a questão política é central nessa realidade, esse relato, infelizmente ainda se classifica enquanto “privilegiado”, pois, ao participar da ANPOF-2022<sup>5</sup> durante os círculos de debates sobre Ensino de Filosofia e a nova BNCC os relatos de professores do sudeste e sul do país, sobre como a Filosofia havia sido eliminada e “absorvida” pela disciplina de Projeto de Vida foram vários.

De fato, o Ensino, principalmente, um que se proponha a ser reflexivo, precisa ser repensado várias vezes, não me oponho a ideia de em conjunto, as comunidades escolares desse país imenso pensarem em novos formatos de escola. No entanto, a nova BNCC e esse Novo Ensino Médio que está aí precisa de revogação. Primeiro por não ter passado por ampla e democrática discussão e segundo por propor um esvaziamento de conteúdo e reflexão que afetará principalmente a quem tem a escola como principal ou única referência epistemológica ou cultural, como é o caso de muitos e muitos estudantes da escola pública.

**Emilson:** O Novo PNLD trouxe materiais extremamente questionáveis no sentido de limitar, por exemplo, a possibilidade de escolha de temáticas a serem problematizadas e investigadas nas aulas de Filosofia. O suposto caráter integrador do material didático não parece corresponder à realidade dos livros. O que vemos nos materiais é um compêndio extremamente resumido dos livros didáticos que já existiam anteriormente e que empobrecem a possibilidade de professores e, principalmente, dos estudantes terem acesso aos conhecimentos produzidos pela humanidade nas diferentes áreas do conhecimento. Em geral, embora temáticos, os livros trazem capítulos que separadamente correspondem a cada uma das anteriormente chamadas disciplinas, agora chamadas unidades curriculares. Para dar um exemplo prático, um determinado material traz uma discussão sobre o que seria o conhecimento filosófico sobre a natureza em um único capítulo, de um único volume, que tenta dar conta de teorias filosóficas desde a filosofia da antiguidade clássica até as teorias mais contemporâneas. O problema é que

<sup>5</sup> XIX Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia realizado entre 10 e 14 de outubro de 2022. Goiânia – GO.

pela organização programática toda esta discussão deve acontecer em um único semestre do Ensino Médio, nem na Universidade conseguimos dar conta de tal conhecimento neste espaço de tempo, com ressalvas as diferenças entre os níveis de ensino e a complexidade das discussões em cada um deles, o que acontece é que passamos a ter um material enciclopédico e menos aprofundado, o que me parece esvaziar as possibilidades do trabalho filosófico no Ensino Médio. Por exemplo, para aplicar a metodologia proposta pelo Prof. Silvio Gallo das oficinas de Filosofia, que pesquisei no mestrado, precisaríamos de tempo para haver sensibilização, problematização, investigação e conceituação e até uma socialização dos conceitos filosóficos em cada unidade curricular, mas quando você precisa dar conta de toda história da Filosofia em um único capítulo fica um pouco inviável. Isso tudo sem falar que a compartimentalização dos livros em capítulos, facilmente identificáveis com unidades curriculares distintas como História, Geografia e Sociologia, desprivilegiam a filosofia e a Sociologia que, geralmente, continuam tendo menos espaço nos materiais didáticos, assim como hoje continuam tendo reduzida sus cargas horárias em relação às demais unidades curriculares e outros momentos pedagógicos como eletivas, clubes e outros projetos que chegam a ter o dobro, ou até o quádruplo de carga horária de Filosofia e Sociologia no currículo.

*Além dos desafios que a BNCC e a Lei do Novo Ensino Médio colocam para o ensino de Filosofia na educação básica, quais os outros desafios que dificultam o ensino desse componente curricular na educação básica?*

339

**Dayane:** Destaco dois que estão interligados: o desafio de uma filosofia que ultrapasse o papel dado legalmente à disciplina, ou seja, de fornecer conhecimentos para o “exercício da cidadania” e atrelado a ele, o tempo de aula. dos principais desafios que enfrentamos no ensino de Filosofia mesmo antes da BNCC é o tempo de aula. Desde que a disciplina se tornou obrigatória em 2008, o tempo varia entre uma ou duas aulas, dependendo da rede. No estado do Ceará a carga horária é de cinquenta minutos semanais. Antes de continuar a falar dos desafios, é importante nos perguntarmos, que Filosofia foi essa “autorizada” por lei a ser ensinada? Se essa pergunta já pairava em relação à LDB (GALLO, 2018)<sup>6</sup> assistimos ao seu aprofundamento no artigo 36<sup>o7</sup> da BNCC quando o caráter individual das disciplinas é eliminado e o ensino começa a ser organizado através do que se chama de “itinerários formativos” e dispõe de seu ensino a partir do que cada rede ou instituição considera relevante.

Ora, dentro do sistema capitalista, ainda mais na conjuntura em que a reforma foi aprovada, de aprofundamento do neoliberalismo com nítidos objetivos do desmonte da educação pública, através de sucessivos cortes de orçamentos e lobby da iniciativa privada, qual relevância teria o Ensino de Filosofia na escola brasileira? Sem dúvida, estamos falando de um ensino de Filosofia que cansamos de escutar entre os mais diversos discursos na esfera da

<sup>6</sup> GALLO, Silvio. Metodologia do Ensino de Filosofia: uma didática para o Ensino Médio. Campinas: Papyrus.2018

<sup>7</sup> Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm#art4](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm#art4). Acesso em 15 de janeiro de 2023.

educação “aquela disciplina que transforma estudantes em cidadãos”. Silvio Gallo (2018) alerta que essa cidadania atrelada ao ensino de Filosofia nesses moldes, planeja “fazer de todos cidadãos, mesmo que por cidadãos entendam-se os consumidores no mercado global.” (p.30). Desse modo, entendo que o grande desafio da Filosofia no Ensino Médio é o de ruptura com essa lógica de controle a que parece estar submetido esse “cidadão” que se quer formar. Inserir perguntas em um contexto escolar onde, desde as primeiras séries do ensino, estudantes são treinados para apenas absorver conteúdo, enfileirados e dispostos a voz de comando é uma tarefa complexa.

Por mais que a educação tenha se aberto a novas propostas nas últimas décadas, com pensadoras e pensadores que repensam o lugar de professores e estudantes no processo ensino-aprendizagem, basta chegar em qualquer sala de aula e a possibilidade de ver sua disposição exatamente como se configura a séculos é gigante. Acredito em um ensino de filosofia que seja significativo, ou seja, que possa levar em conta as questões que permeiam a vida da maioria dos estudantes. Ou seja, nosso desafio se encontra em ensinar Filosofia de modo filosófico, desafiador, em ato de resistência a uma sociedade cheia de mecanismos de controle. Tal tarefa não se dará sem amplo debate nas Universidades de onde saímos, nem com a reprodução da lógica de professores enquanto mais uma peça da engrenagem que formam cidadãos passivos, massificados. É importante e urgente, abrir caminho para a autonomia do pensamento da juventude, lutar para que o espaço das aulas de filosofia seja respeitado no interior da escola, planejar observando o cotidiano, subverter a lógica de que a docência traz consigo saberes inalcançáveis. Afinal, tendo a concordar com Gallo(2018) quando enfatiza que só teremos ensinado de fato quando os próprios estudantes conseguem compreender e conduzir os conceitos filosóficos eles mesmos, sem o nosso olhar controlador.

**Emilson:** Particularmente, considero a demanda da carga horária e lotação em diferentes disciplinas um fator complicador do nosso trabalho. Neste modelo que está sendo implementado agora a nível nacional, mas que no Ceará já estava sendo ensaiado e implementado via modelo de Escolas em Tempo Integral, o tempo de sala de aula e de planejamento que já era insuficiente se torna discrepante com a quantidade de atribuições que temos que desempenhar na escola. No ano letivo de 2022, por exemplo, assumi dez disciplinas diferentes entre componentes regulares (Filosofia e Sociologia nos três anos do Ensino Médio) e disciplinas eletivas para as quais temos que elaborar todo o material praticamente do zero, sem contar a função de Coordenador de Área. Isso seria diferente se a carga horária para Filosofia fosse maior. Planejar semanalmente atividades, aulas, conciliar isto com estudo e pesquisa para dez disciplinas diferentes, fora os trabalhos burocráticos, correções, provas, registros e outros projetos concomitantes às aulas regulares é bastante desgastante e acaba por prejudicar a qualidade do trabalho docente, a sobrecarga de atividades e os consequentes esgotamentos mental e físico são problemas reais e preocupantes. Ao diluir a Filosofia e outras nos itinerários formativos gera essa demanda de componentes curriculares eletivos bastante específicos que, por sua vez, geram essa sobrecarga de trabalho para nós professores que temos

que planejar e ministrar aulas sobre conteúdos às vezes completamente diferentes concomitantemente com pouco tempo para pesquisa, produção de materiais e mesmo para autoavaliação do trabalho desenvolvido.

*A Formação continuada e a pesquisa são duas importantes ações para o fortalecimento do ensino, especialmente o de Filosofia. Poderia comentar um pouco sobre elas e os desafios que nós professores(as) de Filosofia enfrentamos quando o tema é formação continuada e pesquisa?*

**Dayane:** Mudanças são, acredito que, o primeiro ponto que precisamos refletir é a formação universitária. Tive o privilégio de cursar minha graduação na Universidade Estadual do Ceará (UECE) onde a grade curricular do curso de licenciatura oferecia todas as disciplinas da formação de bacharelado com o acréscimo das disciplinas voltadas para o ensino. Portanto, estudei com as mesmas Professoras e Professores e obras que os colegas que hoje são bacharéis, incluindo a obrigatoriedade da defesa de Monografia. No entanto, essa não é uma realidade em todas as instituições, tem se tornado cada vez mais frequente, relatos de cursos que separam os estudantes de acordo com a carreira que pretendem seguir, de um lado, estudantes que vão ter acesso a disciplinas e problematizações filosóficas, leituras, pesquisas, exercício da escrita acadêmica através de artigos, grupos de estudos e o máximo de recursos disponíveis para os que pretendem ser pesquisadores, filósofos. Do outro lado, os que pretendem se tornar Professores de Filosofia da educação básica, com disciplinas “na área da educação”, que por vezes precisam esperar professores de outros departamentos.

Ora, não configura ser tarefa fácil a simplificação didática da Filosofia para estudantes do Ensino Médio, sem cometer o erro do esvaziamento. Compreender e dominar os conceitos filosóficos, as abordagens das mais diferentes correntes de pensamento e ser capaz de problematizá-los para uma turma de, no mínimo, quarenta e cinco adolescentes não é para quem não tem amplo conhecimento do que se pretende tratar em sala de aula. Para além disso, como já abordei nessa entrevista, não se trata de um ensino onde mantemos a didática da reprodução, mas sim a de fomento da autonomia do pensar crítico-reflexivo dos estudantes.

Esforços buscando criar e ampliar espaços para a produção de pesquisa de docentes em Filosofia tem movimentado o cenário brasileiro, como é o caso da ANPOF-EB e aqui no Ceará o Fórum de Professores de Filosofia que tem promovido necessários eventos de cunho científico para a publicização de pesquisas na área do ensino de Filosofia. Além de programas de pós-graduação voltados para a formação continuada de professoras e professores da educação básica como o PROF-FILO, programa de abrangência nacional que tem contato com um número cada vez maior de Universidades Federais e Estaduais e com excelentes avaliações na CAPES.

Mesmo assim, ainda temos que lidar com outro problema crucial, a carga horária de trabalho, problema comum em relação a toda classe trabalhadora. Com uma hora/aula semanal de Filosofia, os docentes acabam acumulando um número maior de turmas, o que recai, principalmente, sobre seu tempo fora de sala de aula. São, em média, o dobro do número de diários a preencher, avaliações a elaborar e corrigir e médias a serem registradas. Nosso tempo

de planejamento também é atravessado por essa questão, no estado, muitas vezes, para complementar a carga horária em menos lugares, também lecionamos a disciplina de Sociologia o que gera outra demanda, para além das já citadas, dessa vez de ordem conteudista e metodológica. Qual tempo sobra para que essa professora ou esse professor possa estudar? Veja, que ainda não estou contando com quem tem rotina de cuidados domésticos e com filhos, dentro da estrutura patriarcal.

Portanto, para além de ampliar os espaços de debate e publicações, é preciso que Universidades, Secretarias de educação, Associações e Profissionais, repensem o tempo de fato que professores de Filosofia dispõem para planejar uma prática filosófica, bem como se dedicar à sua formação continuada.

**Emilson:** No campo da Pesquisa temos as pós-graduações (especializações, mestrados e doutorados), destaco aqui o trabalho do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF -FILO), programa nacional que no Ceará tem polo na Universidade Federal do Ceará (UFC) e que já é um marco histórico importante na pesquisa do Ensino de Filosofia e na função de trazer para a Universidade as questões, inquietações, demandas e contribuições dos professores de Filosofia da educação básica, que muitas vezes foram considerados bacharéis de segunda categoria, como se houvesse uma hierarquia entre docentes da educação básica e acadêmicos, e como se fosse possível ser professor de Filosofia que não fosse também pesquisador e filósofo. Somos nós professores que trabalhamos nas escolas de Ensino Médio, aqueles e aquelas que filosofam, inclusive, sobre a nossa prática de ensino e sobre o Ensino de Filosofia com propriedade. Destaco também aqui, a relevância no estado do Fórum de Professores de Filosofia da UECE que faz o link entre universidade e professores da educação básica, produzindo eventos importantes como os Encontros Cearenses de Professores de Filosofia, e promovendo espaços permanentes de estudo, debate e articulação entre os docentes sem o qual não estaria tendo a oportunidade de fazer estas considerações e que tem servido como movimento aglutinador e gerador de ações dos docentes cearenses que trabalham com ensino de Filosofia. Contudo, ao falar de pós-graduações temos o problema do tempo para estudo e pesquisa. Este desgaste acontece principalmente quando o assunto é diminuição de carga horária e licenças necessárias para que professores possam se afastar para estudos e pesquisas, pois nem sempre temos sido contemplados pelos programas ou pelo próprio estado com esta possibilidade. Sobre as formações continuadas na própria rede estadual do Ceará tivemos pela primeira vez nos últimos dois anos formações de professores específicas por área de conhecimento, inclusive sobre a nova BNCC e o Novo Ensino Médio, contudo ainda bastante genéricas e pouco abrangentes a todos os professores. Geralmente os convites para formações são feitos para um ou dois professores da área de uma escola que além de todas as suas outras funções ainda teriam que ser formadores multiplicadores para os demais professores. Formações específicas sobre ensino de Filosofia promovidas pelo estado não tenho notícias, quando muito temos algumas atividades formativas sobre temas transversais como gênero e diversidade, educação para as relações étnico raciais que acabam ficando sob responsabilidades do professores de ciências

humanas, incluso professores de Filosofia responsáveis pelas eletivas correspondentes a essas temáticas nas escolas.

*Para finalizar, gostaria de fazer considerações mais livres sobre o ensino de Filosofia, que não tenhamos perguntado, mas que se faz importante considerarmos nesse momento tão singular em termos de desafios para o ensino de Filosofia no Brasil? Por exemplo, qual o papel do ensino de Filosofia na Educação Básica? Existe alguma forma de promover a valorização e ampliação da Filosofia no ensino médio? Fique à vontade para suas considerações finais.*

**Dayane:** Me dediquei nos últimos anos, no Brasil, em minha pesquisa de Mestrado, a pesquisar questões de gênero no Ensino de Filosofia na Educação Básica, talvez o momento mais inoportuno desde a redemocratização para tal tarefa. Portanto vejo o novo cenário que se descortina com certo otimismo, é fato que a alternância de poder não elimina o traço ultraconservador que se estabeleceu de maneira tão à vontade em nosso meio nos últimos anos. As perseguições não foram poucas e nem deram espaço de respirar entre uma e outra, quando não era um ataque direto a forma lógica e racional do pensamento, eram um em relação aos direitos das minorias de gênero. Quando não, vinham notícias de cortes sucessivos na estrutura da educação como um todo. Projetos inconstitucionais como o que se intitula “Escola sem Partido” iam e vinham para a pauta.

Os últimos quatro anos não foram fáceis, e para quem esteve em sala de aula, na linha de frente da educação, disputando consciências com grandes tecnologias que promoviam ataques à verdade, fábrica de fake news, apelo à informação fácil, superficial, que mesmo com explicações absurdas pareciam suprir o tamanho da curiosidade de alguns indivíduos, foi exaustivo problematizar e promover espaço de reflexão amparada por argumentos racionais. Somada a isso, uma pandemia. Dois anos de ensino remoto sem qualquer preparação ou formação anterior, demissões em massa, mortes, perdas, inflação, o mito de que todo mundo tem acesso à internet. Depois da vacina, o retorno ao modelo presencial, também sem qualquer preparo psicológico, ignorando as marcas que um período tão difícil haveria deixado em estudantes e professores. A fome. Os órfãos da pandemia. Tudo isso foi para o interior da escola e todos tivemos que lidar. Mais uma vez encaixotados, enfileirados, sem questionar as estruturas de um sistema controlador e desigual.

Penso que a questão e os desafios do ensino de filosofia na educação básica também passam por conseguir compreender o modo pelo qual se mantém no poder as forças hegemônicas, os riscos que corremos ao incorrer apenas em um modo de ver o mundo. A ausência de reflexão, por vezes nos tem mostrado sua face prática através da barbárie. Não se trata aqui de esperar que a Filosofia tenha uma saída para todos os nossos problemas cotidianos, mas sim de tirar estudantes do lugar inerte que muitas vezes a massificação da cultura os coloca. Lembro de uma aula onde uma estudante disse “Chega! Eu prefiro a aula de Matemática, lá 2 mais dois são quatro, sempre foi assim! Nessa aula a gente fica repensando e se perguntando”.

Mesmo com toda a sala caindo na risada, inclusive a própria estudante, esse exemplo no elucida como o papel da Filosofia pode ser potencialmente revolucionário.

A pergunta que precisamos nos fazer quando pensamos em batalhar nas Universidades, Encontros, Associações, Escolas, Secretarias de Educação, e nos mais diversos espaços em que falamos sobre ensino de Filosofia é: Que modelo de pessoas queremos formar na escola? Se sobrevivemos aos anos difíceis e todos os desafios que se impuseram, precisamos olhar para frente e compreender um ensino de Filosofia capaz de proporcionar uma noção de diversidade de pensadoras e pensadores, pois assim também diversificamos visões acerca dos problemas filosóficos a serem trabalhados. Do mesmo modo, é preciso encarar os estudos sobre Ensino de Filosofia enquanto área de pesquisa, afinal, nossa dinâmica de educação consiste em escolas numerosas, massificadas e uma sociedade precisa pensar as grandes questões de seu tempo. Essa reflexão necessária, precisa estar em nossos planejamentos, pesquisas e no cotidiano de nossa sala de aula.

**Emilson:** Considero que a Filosofia é fundamental para qualquer processo formativo e na educação básica é essencial. A Filosofia pode trazer elementos de método, de argumentação, reflexivos, de problematização, investigação e criação que são necessários para pensar e atuar no mundo, para produzir pessoas críticas, ativas e éticas. Aposto hoje na diversidade da Filosofia, acredito que seja um conhecimento que te permite acesso por muitas rotas diferentes e possibilidades de trajetórias infinitas, pois existem diferentes perspectivas, escolas, pensadoras e pensadores, de diversas culturas, origens, raças e etnias. É fundamental garantir o acesso a estes saberes como um direito ao conhecimento acumulado pela humanidade, mas também como oportunidade para não apenas compreender a realidade em que estamos inseridos, mas para ter subsídios para que sabe dar sentido a ela, buscar linhas de fuga, produzir subversões da realidade, criar novos conceitos que deem conta do caos da realidade, revolucionar os processos históricos e sociais, questionar o status-quo, produzir novas perspectivas de pensamento, de autoconhecimento e de atuação no mundo. Penso com Deleuze e Guattari que a Filosofia não é superior a outras formas de conhecimento como a Ciência e a Arte, mas ela é singular e complementar a estas e somente juntas podem nos ajudar a dar conta de alguma forma da realidade. E por isso, acredito que a escola seja ou deva ser um espaço para sensibilizar a todas, todos e todes para estes conhecimentos, muito embora não seja o único espaço em que isto acontece, a Filosofia tem um lugar neste espaço e precisamos reivindicá-lo. E se, por um lado, sabemos que historicamente a educação não foi a prioridade de muitos governos na história deste país, por outro, nós continuamos reivindicando coletivamente por melhores condições materiais de trabalho, por mais escuta de docentes por parte de gestores e do Estado, por uma maior carga-horária e maior presença da Filosofia nos currículos, por mais valorização do magistério e mais espaços de organização e engajamento para que este papel da Filosofia na educação básica e na escola possa ser bem desempenhado. Neste sentido, um exemplo da atuação ativista dos professores de Filosofia cearenses tem sido a iniciativa de articulação de uma Associação de Professores de Filosofia do Estado do Ceará, projeto fruto dos Encontros Cearenses de Professores de Filosofia que aconteceram nos últimos anos e que apontam que seguimos resistindo na luta pela educação pública e de qualidade, pela valorização de professoras e professores de Filosofia, pela permanência e obrigatoriedade da Filosofia nos currículos escolares brasileiros com, sem e para além da nova BNCC e do Novo Ensino Médio.



**CURRÍCULO DOS ENTREVISTADOS**

*Dayane Evellin de Sousa Costa*

Possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (2013). Especialização em Mídias na Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Mestrado em Filosofia (Profissional) pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atua como professora de Filosofia pela Secretaria da Educação Básica do Ceará, promovendo Iniciação Científica e coordenando um grupo de estudos. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Ensino de Filosofia. Também pesquisa Educação, métodos de aprendizagem e o uso de mídias na educação.

**Link currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1218489183693775>**

*Emilson Silva Lopes*

Possui graduação em Filosofia - Licenciatura pela Faculdade Evangélica do Meio Norte(2013), especialização em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia pela Universidade Candido Mendes(2014), aperfeiçoamento em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal do Ceará(2014) e aperfeiçoamento em Didática e Metodologia para Formação de Tutores de EaD pela Universidade Federal do Ceará(2016). Atualmente é Professora da EEM Gerardo Magella Mello Mourão. Tem experiência na área de Filosofia.

**Link currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5344317999677394>**

## **CURRÍCULO DOS ENTREVISTADORES**

### *Antônio Alex Pereira de Sousa*

Doutorando e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. Especialista em Filosofia pela Universidade Estácio de Sá. Coordena o Grupo de Estudos em Foucault (GEF-UFC) e participa do FILODITEC (Eixo de pesquisa Filosofias da Diferença, Tecnocultura e Educação do PPG em Educação da UFC). Professor de Filosofia concursado da Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Desenvolve pesquisa em Filosofia Contemporânea, Educação, Ensino de Filosofia, Gênero, relações étnico-raciais, Ética, Currículo e temas gerais em torno da produção filosófica de Michel Foucault (Sexualidade; Poder; Direito; Racismo de Estado; Filosofia; Saber; Cuidado-de-si; Neoliberalismo; Subjetividade).

**Link currículo Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/9432362482614655>

### *Paulo Willame Araújo de Lima*

Professor efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE). Doutorado em andamento pelo programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) na linha de pesquisa "Arte, Subjetividade e Cultura". Mestre em Filosofia, na linha de Ética e Política da Universidade Federal do Ceará (UFC), pesquisando o tema da violência a partir de Jean-Paul Sartre. Graduando no bacharelado em Administração pela Universidade Federal do Ceará (UFC) com matrícula temporariamente trancada. Integrante do Coletivo Kintal de Afetos e do Coletivo Transpassando. Embaixador da Juventude pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime - UNODC em parceria com o Instituto Caixa Seguradora. Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Voluntário no Programa de Extensão Transpassando UECE. Foi Agente Educacional da Busca Ativa, na Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (SME); Estudante da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS formado pelo CREAECE. Estudante de Teatro, ator e colaborador na escrita do texto de Re-talho, espetáculo com direção de Neidinha Castelo Branco (CPBT-TJA). Foi bolsista do Programa de Bolsa de Estudos e Permanência Universitária (PBEPU). Foi representante discente no Colegiado de Filosofia. Foi bolsista de Iniciação à Docência (PIBID). Foi bolsista de Iniciação Científica (IC). É arte-educador e audiodescritor mediante estágio educacional realizado no Museu da Cultura Cearense (MCC). Técnico em Finanças pela EEEP José de Barcelos. Produtor Cultural e Coordenador na organização de eventos socioculturais, acadêmicos e artísticos. Coordenador de Acessibilidade Cultural em vários projetos ligados aos Coletivos Transpassando e Kintal de Afetos. Experiente em representações político-administrativas como liderança de sala, coordenação de grupos juvenis e representações estudantis universitárias.

**Link currículo Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/5476643014624172>